



CORPO DE DELITO

A lagarta e o rábano

De que serve andar para ocidente ou oriente, se os Descobrimentos, o cozido à portuguesa, o fado e o doce clima da pátria forem a medida ou o superlativo das coisas?



Rui Patrício

Os dois irmãos conversam pela noite fora, como já não faziam há muito. A noite vai amena e propicia a reflexões. Pergunta um (o mais novo) ao outro (o mais velho) o que acha ele sobre os futuros estudos dos filhos. Deverão estudar cá ou lá fora? O mais velho tartamudeia, não consegue responder de ciência certa – quanto mais velho, aliás, menos ciência certa (isso é certo). Alinha vantagens e desvantagens, avança, recua, enreda-se em esboços de resposta, não querendo desiludir o mais novo – como nunca querem os mais velhos. Mas a verdade é que a pergunta não tem uma resposta, porque a questão não é realmente essa. E o problema normalmente não está na resposta, está na pergunta.

A questão não é realmente, cá ou lá

fora – seja sobre estudar, viajar ou outra coisa. A questão é: com que olhos, com que atitude, com que disposição? Enquanto tenta arranjar, por entre os escolhos, uma resposta, o mais velho só se lembra da expressão iídiche que diz que “para uma lagarta num rábano picante o mundo é um rábano picante”. E esse é que é o ponto. Se se estudar no estrangeiro, se se viajar, se se fizer o que quer que seja com os olhos e a atitude daquela lagarta, então estudar, viajar, etc., para quê? De que adianta, para que serve? Se se andar pelo mundo com a paróquia nos olhos, mais vale ficar nela, posto em sossego. Tanta gente que não estudou lá fora, ou que nem estudou, ou que não viajou senão tarde, ou mesmo nunca, e vê as coisas com os olhos abertos e disponíveis, como se a claridade fosse um convite a abri-los, e não um estímulo a semicerrá-los. E tanta gente que teve e tem os privilégios (porque o são) de viajar, de estudar, de andar pelo estrangeiro, de ter experiências diversas, e a quem isso serviu ou serve de pouco, como se os olhos não vissem mais que uma nesga que se abre diante deles. De que serve estudar numa universidade da Ivy League se não se

alcançar mais do que uma visão pequenina das coisas? De que serve andar para ocidente ou oriente, se os Descobrimentos, o cozido à portuguesa, o fado e o doce clima da pátria forem a medida ou o superlativo das coisas? Para quê o privilégio de andar por outros sítios, ver e receber outras coisas, se disso se retira só o mínimo e se a atitude for a de apenas cumprir e ir andando?

A questão não é realmente onde pôr os filhos a estudar no futuro. A questão é o que tentar ensinar-lhes no presente; e como estimular-lhes a curiosidade, fazendo dela um instrumento para a vida; e também como ensinar o que é essencial e o que é acessório; e que ninguém é o umbigo do mundo; e que quase tudo é relativo. A questão é ainda como ajudar a reconhecer que privilégios são privilégios e que devem ser agarrados. A questão é igualmente dar a conhecer o valor e a importância do esforço. Cá ou lá fora, bem mais importante do que saber o que podem ensinar aos seus filhos, é o que podem eles aprender. Isso ajuda a lagarta a ver para lá do rábano picante.

Advogado

Escreve ao sábado

